

A AMBIGUIDADE DO JAPÃO E EU

AIMAINA NIHON NO WATASHI

Õe Kenzaburō

Tradução de Donatella Natili¹

Durante a última catastrófica Guerra Mundial, eu era criança e vivia nas florestas da ilha de Shikoku, parte do arquipélago japonês, distante milhares de quilômetros daqueles acontecimentos². Na época havia dois livros que realmente me fascinavam: *As aventuras de Huckleberry Finn*³ e *As maravilhosas aventuras de Nils*⁴. O mundo inteiro estava abismado com as ondas do horror. Através da leitura de Huckleberry Finn, eu percebia uma forte justificativa para minha atitude de criança que só se sentia segura dormindo entre as árvores no ponto mais alto da floresta, em vez de passar a noite na pequena casa do vale. Ao contrário, o protagonista de *As maravilhosas aventuras de Nils*, transformado em gnomo, é uma criança que entende a linguagem dos pássaros, tão corajosa para enfrentar uma viagem de aventuras. Essa história dissimulava vários níveis de um prazer divertido.

Primeiro, transmitia-me a convicção transgressora, e ao mesmo tempo inocente, de que o mundo mais verdadeiro era aquele onde estava passando a minha infância, recluso no fundo da floresta de uma ilha, como haviam feito os meus antepassados, e que viver naquele lugar era um ato de libertação. O segundo nível de prazer consistia em me identificar com o processo de crescimento de Nils, um garoto esperto que viaja pela Suécia, colaborando com os gansos selvagens, seus amigos. E que, graças às lutas enfrentadas com eles, cresce e muda de personalidade, adquirindo modéstia e autoconfiança, ainda que mantendo intacta a própria inocência. Acredito, todavia, que o meu maior prazer surgia ao ler as palavras pronunciadas por Nils, quando, no final, cheio de lembranças, volta para casa e encontra seus pais. Era o prazer de me sentir aliviado, purificado, como se eu também tivesse unindo a minha voz à dele, quando diz (em tradução francesa, no texto japonês): “*Maman, papa! Je suis grand, je suis de nouveau un homme!*” (“Mãe, Pai! Eu sou grande, sou um homem de novo!”).

Em particular, intrigava-me a frase “*Je suis de nouveau un homme!*”.

Depois, quando cresci, eu mesmo experimentei a luta contra dificuldades de várias espécies em diferentes, mas correlatas, esferas da minha vida: desde a estrutura da minha família até a minha relação com a sociedade japonesa e, enfim, com o meu estilo de vida pessoal na última metade do século XX. A tudo

¹ Doutora em Literatura, professora da Universidade de Brasília – UnB. Contato: donatella.natili@gmail.com

² A ilha de Shikoku é a menor e menos populosa entre as quatro ilhas principais do arquipélago japonês.

³ Romance de Mark Twain, publicado em 1884.

⁴ Romance de Selma Lagerlof, escrito entre 1906 e 1907.

isso eu sobrevivi escrevendo romances. E nesse processo tenho me encontrado repetindo, quase sussurrando: “*Je suis de nouveau un homme!*”.

Tratar de questões pessoais poderia ser impróprio nessa ocasião. De qualquer forma, o pano de fundo da minha literatura encontra os seus fundamentos na experiência pessoal, que em seguida relaciono a um âmbito mais amplo, como a sociedade, o Estado e o mundo. Espero que vocês me perdoem se me detenho um pouco mais nessas questões pessoais.

Quando, meio século atrás, eu vivia no coração da floresta, lendo *The wonderful adventures of Nils*, sentia uma dupla premonição. A primeira foi o fato de que um dia eu também seria capaz de entender a linguagem dos pássaros. A segunda, que eu voaria sobre as asas dos meus queridos gansos selvagens, possivelmente em direção à Escandinávia.

Depois do casamento, o meu primeiro filho nasceu com deficiência mental. Demos a ele o nome de Hikari, que, em japonês, significa “luz”. Quando criança, ele era sensível apenas ao canto dos pássaros selvagens e, ao contrário, não respondia às vozes e às palavras humanas. Uma vez, quando ele tinha seis anos e estávamos passando o verão na nossa casa de campo, aconteceu de ele escutar o canto de um casal de pombos, vindo do lago atrás das árvores. E, então, com a mesma entonação de um comentador, em um disco de cantos de pássaros, disse: “Aqui estão...”. Estas foram as primeiras palavras pronunciadas por meu filho. Foi a partir daquele momento que ele instaurou uma comunicação verbal conosco.

Hoje Hikari trabalha em um instituto especializado em portadores de necessidades especiais que se inspira exatamente no modelo sueco. E, ao mesmo tempo, compõe música. Foi o canto dos pássaros, mais que outros fatores, que teve um papel de mediação entre ele e a música que os homens podem criar. Neste sentido, parece-me que Hikari tenha realizado, em meu lugar, a premonição de entender a linguagem dos pássaros. Devo acrescentar que a minha vida teria sido impossível sem minha esposa, uma mulher que, mais do que eu, soube realizar-se na vida com uma força e uma dedicação tipicamente femininas. Ela tem sido a verdadeira encarnação de Akka, o chefe dos gansos selvagens de Nils. Juntos voamos até Estocolmo: assim, para minha felicidade, a segunda profecia também está agora realizada.

Kawabata Yasunari, o primeiro escritor japonês que subiu neste pódio para receber o prêmio Nobel de literatura, pronunciou um discurso intitulado “A beleza do Japão e eu”. Foi, ao mesmo tempo, muito bonito e muito vago⁵. Uso a palavra “vago” como equivalente da palavra japonesa *aimaina*, uma palavra aberta a várias interpretações. O tipo de “vacuidade” adotada, creio que de propósito, por Kawabata, já é implícita no título e estritamente relacionada com a função da partícula *no*⁶ (literalmente *de*) que liga “eu” e “a beleza do Japão”.

O título está, antes de tudo, indicando “eu como parte da beleza do Japão”; neste caso, a partícula *no* indica a relação do nome que a segue com o nome que a antecipa, no sentido de posse ou apego. Mas pode também ser entendida como “o belo Japão e eu”. Neste caso, a partícula liga os dois nomes em oposição, como resulta na tradução inglesa proposta pelo professor Edward Seidensticker, um

⁵ O autor usa o termo japonês *aimaina*, o qual corresponde à tradução inglesa *vague*, palavra que, em seguida, citará no texto, diretamente em inglês.

⁶ *No* em japonês corresponde ao genitivo.

dos mais eminentes especialistas americanos em literatura japonesa. A sua hábil tradução – “Japan, the Beautiful, and Myself” – é digna de um *traduttore* (tradutor) e não de um *traditore* (traidor)⁷.

Através desse título, Kawabata insere um misticismo totalmente particular, japonês, também difundido em geral na filosofia oriental. Com “particular”, refiro-me à relação com a esfera do budismo *zen*. Embora fosse um escritor do século XX, Kawabata tinha exatamente um pensamento como o que se encontra nos poemas dos monges *zen* medievais. A maioria desses poemas trata da impossibilidade de expressar a verdade através das palavras. Segundo eles, não podendo presumir que as palavras venham em nossa direção, temos de simplesmente nos abandonar a elas, entrar em tais palavras fechadas, sem a pretensão de compreendê-las ou de nos simpatizar com elas.

Por qual razão então Kawabata decidiu ler aqueles poemas esotéricos em língua original diante da plateia em Estocolmo? Eu sinto certa nostalgia em relação à atitude de confessar o próprio credo, com coragem e lealdade, que o excelente artista assumiu nos últimos anos da sua carreira. Kawabata foi um artista peregrino durante décadas, nas quais produziu uma série de obras primas. Depois daquela longa e sofrida peregrinação como romancista, conseguiu falar sobre o mundo no qual vivia e da própria literatura, ou seja, daquela “Beleza do Japão e eu”, somente confessando toda a fascinação pelos poemas que recusavam qualquer compreensão.

Assim Kawabata concluiu o próprio discurso:

Diz-se que as minhas obras são niilistas, porém a palavra ocidental “niilismo” não é apropriada. Penso que as bases espirituais sejam diferentes. A poesia de Dōgen intitula-se “Espírito Originário”, mas mesmo cantando a beleza das quatro estações é profundamente compenetrada do espírito *zen*.

Aqui eu percebo uma corajosa e franca autoafirmação. De fato, colocando-se no interior da corrente de pensamento *zen* e da sensibilidade estética do mundo clássico oriental, Kawabata ressalta, ao mesmo tempo, a própria distância do niilismo e, com esses instrumentos, se dirige às gerações futuras nas quais Alfred Nobel tinha colocado tanta confiança e expectativa.

Porém, francamente, eu me sinto mais próximo espiritualmente do poeta irlandês William Butler Yeats – que recebeu o Prêmio Nobel de Literatura há 71 anos, quando tinha a mesma idade minha –, do que do meu compatriota que subiu neste pódio 26 anos atrás. Naturalmente eu não pretendo me colocar no mesmo nível de Yeats, nem me comparar àquele gênio poético. Considero-me apenas um humilde discípulo seu de uma terra tão distante e compartilho o que escreveu sobre ele William Blake, cujos trabalhos foram recuperados por Yeats neste século: “Através da Europa e da Ásia até a China e o Japão como relâmpagos”.

⁷ *Traduttore* e *traditore* em italiano no texto.

Nos últimos anos fiquei ocupado em escrever uma trilogia que considero o final da minha carreira de escritor. Pelo título em japonês, *Uma árvore verde em chamas*⁸, tenho-me inspirado em um dos mais importantes poemas de Yeats, “Vacillation”:

A tree there is that from its topmost bough
Is half all glyttering flame and half all green
Aboundin foliage moistenes with the dew...⁹

Toda a obra de Yeats exerce sua influência sobre a minha. Na ocasião da entrega do prêmio Nobel a Yeats, congratulando-se com o grande poeta, o senado irlandês propôs uma moção na qual um trecho dizia:

A nossa civilização será apreciada no mundo graças à força do senador Yeats [...] Chegando em uma época de constantes ondas de destruição e de ódio pela beleza. [...] é preciosa a sua literatura voltada à consciência humana contra o fanatismo destruidor... (Prêmio Nobel: Felicitações ao Senador Yeats).

A minha aspiração é seguir o exemplo de Yeats. E gostaria de fazê-lo em favor de uma nação conhecida hoje no mundo não por suas contribuições à Literatura e à Filosofia, mas pela Engenharia Elétrica e sua tecnologia útil à produção de carros. E também como cidadão de uma nação que, no passado recente, tem esmagado a consciência humana – seja na pátria, seja nos países vizinhos –, em nome do “fanatismo destruidor”.

Como homem que vive no Japão de hoje, conservando memórias amargas do passado, não posso me unir a Kawabata ao dizer “A beleza do Japão e eu”. Pouco antes, falando da “vacuidade” desse título, indiquei o correspondente inglês *vague*; mas agora gostaria de usar a palavra *ambiguous*, assumindo a distinção feita pela grande poetisa americana Kathleen Raine, a qual disse uma vez que Blake foi ambíguo, mas não por isso vago. Pois bem, não posso pensar em outra definição de mim senão em termos de “a ambiguidade do Japão e eu”¹⁰.

Após 120 anos de modernização que se seguiram à abertura do país¹¹, o Japão de hoje parece lacerado por dois tipos opostos de ambiguidades. Essas ambiguidades se manifestam de várias formas, tão evidentes e fortes a ponto de criarem lacerações em uma nação inteira e no seu povo. As mesmas que eu vivo em primeira pessoa, como escritor que carrega em si os seus signos profundos. A modernização do Japão direcionou-se ao aprendizado e à imitação do Ocidente, embora o país seja parte da Ásia e mantenha firmemente a própria cultura tradicional. Esse conceito ambíguo de progresso tem levado o país a assumir ele próprio o papel de invasor da Ásia, isolando-se das outras nações asiáticas, não

⁸ Título original: *Moegaru midori no ki*.

⁹ Tradução livre: “Uma árvore, os ramos mais altos, / lançam flamas e ainda verdes / abundante folhagem úmida de orvalho” (“Vacillation”, p. 11-13).

¹⁰ *Aimaina Nihon no watakushi*, aqui traduzido como “A ambiguidade do Japão e eu”, é o título que Ōe deu ao seu discurso. Ao lado do termo *amaina*, indica o inglês *ambiguous*. O título é idêntico àquele do discurso de Kawabata, mas com o termo “ambíguo” no lugar de “belo”. Literalmente, a tradução seria “Eu do ambíguo Japão”.

¹¹ Trata-se da Restauração Meiji, um movimento que levou à queda de Shogunato Tokugawa em 1867, e, em poucos anos, à consequente abertura do país ao exterior após séculos de isolamento.

só politicamente, como social e culturalmente. Além disso, uma concepção de modernidade baseada na abertura total ao Ocidente tem excluído qualquer possibilidade de compreensão por parte do mesmo Ocidente ou, ao menos, podemos dizer que o Japão tem sempre ficado em uma zona escura que provoca uma dificuldade de compreensão.

Na história da literatura japonesa moderna, foram os escritores da “escola do pós-guerra” (ou seja, aqueles escritores ativos logo depois da Segunda Guerra Mundial) os mais honestos e conscientes da própria missão. Embora profundamente feridos pela catástrofe da guerra, esforçaram-se em favor da esperança de uma renascença. Eles procuraram com humildade a reconciliação com o resto do mundo e tentaram compensar, com imensa dor, as desumanas atrocidades cometidas pelas forças militares japonesas na Ásia, como também reaproximar a diferença profunda entre o Japão e as nações desenvolvidas ocidentais, e entre a África e a América Latina. A minha aspiração foi sempre seguir o rastro daqueles escritores, reiniciando pelos êxitos finais da tradição literária deixada por eles.

O Japão de hoje não pode ser ambivalente, como nação e como povo. A Segunda Guerra Mundial explodiu no meio do processo de modernização. Uma guerra que comportou a destruição da modernização como tinha sido concebida. Cinquenta anos atrás, a derrota no conflito criou uma oportunidade para o Japão, enquanto agressor, tentar ressurgir da grande miséria e dos sofrimentos que os escritores da “escola do pós-guerra” representaram nas próprias obras. A base moral para uma nação que aspirava a essa renascença era a instância democrática de oposição a qualquer guerra. A sociedade e os indivíduos que deveriam se apropriar dessa moral, todavia, não eram inocentes, mas, ao contrário, estavam manchados pela experiência de invasores da Ásia. Aquelas bases morais não se referiam apenas a eles, mas também a todas as vítimas das bombas atômicas, usadas pela primeira vez sobre Hiroshima e Nagasaki, e a todos os sobreviventes e seus descendentes afetados pela radioatividade, inclusive as dezenas de milhares de pessoas de língua-mãe coreana.

Recentemente, o Japão foi criticado e culpado pela pouca disponibilidade em relação à manutenção e restabelecimento da paz no mundo através de ajudas militares, como suporte às operações das Nações Unidas. Ouvir esse tipo de comentários nos faz sofrer. Um artigo central da nossa nova constituição que se seguiu à Segunda Guerra Mundial afirma o imperativo categórico de renúncia à guerra para sempre. Após aquela experiência dolorosa, os japoneses escolheram o princípio da não beligerância como base moral do próprio renascimento.

Creio que essas razões poderiam ser bem entendidas no Ocidente, graças à sua longa tradição de tolerância em relação à objeção de consciência ao serviço militar. Mesmo dentro do Japão, houve tentativas de remover da constituição o artigo de renúncia à guerra, tentando também, com este propósito, usar as pressões internacionais. Mas tal ato representaria uma traição diante das vítimas da Ásia e daquelas das bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki. Como escritor, não me é difícil prever as suas consequências.

Embora a nossa nova constituição já tenha meio século, o sentimento de certos cidadãos que defendem aquela antiga, a qual afirmava um valor absoluto transcendente, antes de qualquer princípio de democracia, continua a sobreviver como algo real, mais que uma simples nostalgia. Porém, se o Japão institucionalizasse um princípio diferente da moral que tem guiado o

renascimento dos últimos cinquenta anos sobre as ruínas de uma mal realizada modernização, esvaziar-se-ia a nossa determinação de instituir o princípio de humanidade universal. Como qualquer outro indivíduo, não posso nada além que sentir medo diante desse cenário.

A grande prosperidade econômica do Japão esconde todos os perigos relacionados à estrutura da economia mundial na sua globalidade e à preservação do ambiente; também neste sentido aumenta a ambiguidade que ao longo da modernização se tornou uma espécie de doença crônica que parece assumir sempre novas manifestações.

Isso poderia resultar mais óbvio aos olhos críticos do mundo em geral do que dentro do meu país. Depois da guerra, quando alcançamos o auge da pobreza, conseguimos encontrar a força de sustentação, sem, porém, perder a nossa esperança em uma recuperação. Poderia soar curioso, mas parece que agora não conseguimos suportar a enorme ânsia do futuro provocada pela nossa excepcional prosperidade atual. E parece que agora esteja surgindo uma nova realidade na qual a riqueza do Japão adquire um papel cada vez maior quanto ao poder de consumo e de produção na Ásia como um todo.

Eu me considero um escritor que aspira criar uma literatura séria, bem diferente dos romances que refletem a cultura da maioria dos consumidores de Tóquio e das subculturas mundiais. W. H. Auden assim definiu o romancista: “ser justo entre os justos, e sujo entre os sujos, e o seu ponto fraco, se tiver, deve sofrer lentamente todos os erros do Homem” (“The Novelist”, p. 12-14). Eu, que vivo a profissão de escritor, deste “hábito existencial” (são as palavras de Flannery O’Connor) – me pergunto qual tipo de identidade deveria procurar como japonês. Talvez seja algo parecido com a definição que George Orwell deu às pessoas que mais amava: “equilibrado”, “humano” e “íntegro”. Esses termos aparentemente simples contrastam nitidamente com aquele “ambíguo” que eu usei. Ao mesmo tempo, existe uma nítida discrepância entre o nosso modo de ser japonês visto do exterior e como nós o vemos do interior.

Espero que Orwell não faça objeção se, para definir a imagem dos japoneses, utilizo a palavra “decente” como sinônimo do francês *“humaniste”*, uma vez que os dois adjetivos têm em comum a acepção de “tolerância” e “humanidade”. No passado, o Japão também teve alguns pioneiros que fizeram de tudo para levar os japoneses a construírem um lado “decente” ou “humanista” de si mesmos. Uma dessas pessoas foi o Professor Kazuo Watanabe, estudioso de literatura e do pensamento renascentista francês. Enquanto no período antes da guerra e ao longo da Segunda Guerra Mundial imperava a loucura nacionalista, Watanabe sonhava sozinho em infundir uma visão humanista ao tradicional sentido japonês de beleza e percepção da natureza, que felizmente não foi ainda completamente desenraizada, ainda que de forma diferente da beleza expressa por Kawabata no seu discurso.

A forma como o Japão tentou se modernizar, adotando como modelo o Ocidente, revelou-se um desastre. Os intelectuais japoneses, com um trabalho que reflete esta situação de forma complexa, tentaram estabelecer profundos pontos de contatos entre o Ocidente e o seu país. Deve ter sido uma empresa árdua, mas também repleta de satisfação. Os estudos de Watanabe sobre François Rabelais representam um dos êxitos mais fecundos do mundo intelectual japonês. Antes da guerra, quando era estudante em Paris, Watanabe confidenciou ao seu orientador a própria ambição de traduzir Rabelais para o japonês. O

eminente estudioso francês respondeu ao jovem: “*L’entreprise inouïe de la traduction de l’intraduisible Rabelais*” (“A empreitada sem precedentes de traduzir o intraduzível Rabelais”). E outro estudioso francês respondeu surpreendido: “*Belle entreprise Pantagruelique*” (“Uma admirável iniciativa pantagruélica”).

Apesar disso, exatamente no período de piores privações, que se seguiu à guerra e à ocupação americana, Watanabe não apenas realizou o seu ambicioso projeto, como, ao mesmo tempo, esforçou-se para enraizar no confuso e desorientado Japão a forma de viver e o pensamento dos humanistas franceses precursores de Rabelais, como dos seus contemporâneos e herdeiros. Eu fui um discípulo de Watanabe na vida e na literatura e, como tal, influenciado por ele de duas maneiras fundamentais. Antes de tudo, na forma de escrever romances. Através das suas traduções de Rabelais, eu apreendi concretamente aquilo que Mikhail Bakhtin teorizava como “o sistema imaginativo do realismo grotesco, ou seja, a cultura do riso”. O que significa a importância dos princípios materiais e físicos, a correspondência entre os vários elementos cósmicos, sociais e físicos, a superação da morte e o sentimento de reencarnação; enfim, o sorriso que subverte as hierarquias estabelecidas.

O próprio sistema imaginativo permitiu buscar uma expressão artística que aspira à universalidade para quem, como eu, nasceu e cresceu em uma região periférica, marginal, de uma nação periférica e marginal. Com esses pressupostos, para mim a Ásia não é uma nova potência econômica, mas um lugar que esconde uma eterna pobreza e uma taxa de natalidade espantosa e problemática. Com base em um conjunto de antigas metáforas familiares ainda vitais, eu me sinto próximo de escritores como o coreano Kim Ja Ha, ou os chineses Chon I e Mu Jen. Para mim, a globalização da literatura funda-se nas relações positivas e concretas. Uma vez me aconteceu de participar de uma greve de fome em favor da liberdade política de um brilhante poeta coreano; e, no momento, estou seriamente preocupado com o destino daqueles talentosos romancistas chineses privados da liberdade de expressão após os acidentes de Tian’anmen.

O professor Watanabe tem me influenciado também em relação ao conceito de humanismo, que eu considero a quintessência da Europa, em se colocar como entidade vivente, assim como se afirma no conceito de romance de Milan Kundera. Baseando-se nas leituras detalhadas de fontes históricas, Watanabe escreveu biografias críticas, sempre tendo como ponto de referência a figura de Rabelais, biografias de personagens como Erasmus e, ainda, mulheres relacionadas com Henrique IV, da rainha Margarida a Gabriela d’Este. Desta forma, ele aspirava infundir nos japoneses a importância da tolerância e os perigos ligados à tendência do homem em ficar escravo das próprias convicções e dos mecanismos das suas próprias ações. Os seus esforços o levaram a se alinhar com aquilo que afirma o filólogo dinamarquês Kristoffer Nyrop: “Quem não protesta contra a guerra se torna cúmplice da guerra”. Na sua tentativa de radicar no Japão o humanismo como verdadeira fonte de pensamento ocidental, Watanabe realizou corajosamente tanto a “*enterprise inouïe*” quanto a “*belle enterprise Pantagruelique*”.

Como discípulo do humanismo de Watanabe, espero que o meu trabalho de escritor sirva para curar a dor individual de uma época inteira, seja a daqueles que se expressam por meio das palavras, seja o seu público, como também espero

que sirva para sarar as feridas das suas almas. Eu disse que me sinto dividido pela ambiguidade do meu ser japonês. Pois bem, é pela literatura que tenho procurado aliviar essa dor. Posso apenas esperar que os meus compatriotas também com o tempo consigam se recuperar.

Permitam-me voltar ao argumento pessoal, sobre meu filho Hikari, despertado pelo canto dos pássaros para a música de Bach e Mozart, até conseguir ele mesmo compor. Os seus primeiros e breves trechos musicais parecem conter uma leveza radiante e uma imensa alegria, como o orvalho que reluz sobre as folhas. A palavra “inocência” é composta por “in” e “nocere” e significa “não ferir”. Nesse sentido, a música de meu filho Hikari constituía a profusão natural da inocência do compositor.

Na medida em que Hikari produzia mais obras, eu, como seu pai, comecei a sentir na sua música “a voz de uma alma triste e gemente”. Apesar da deficiência, graças aos seus esforços constantes, às suas composições, que são o seu “hábito existencial”, ele tem adquirido uma maturidade e uma técnica crescentes e, ao mesmo tempo, uma profundidade de conceitos. E isso possibilitou que Hikari descobrisse nas profundezas do seu coração aquele emaranhado de obscura tristeza que até então ele não havia conseguido verbalizar. Acho muito bonita essa “voz de uma alma obscura e gemente”. Expressá-la em música cura Hikari da sua dor, encontrando o caminho para a recuperação. Além disso, as suas músicas são amplamente reconhecidas no meu país como terapêuticas para quem as escuta. É nisso que eu encontro as razões para acreditar no maravilhoso poder curativo da arte.

É uma convicção minha, sem qualquer comprovação, mas como pessoa “fraca” que sou, é que aspiro carregar com dor os “sofrimentos” acumulados durante o século XX por causa da expansão descontrolada da tecnologia. Como homem às margens do mundo, gostaria de continuar buscando perspectivas para oferecer uma cura e uma reconciliação para o gênero humano, junto com uma contribuição, espero, correta e humanista.

Estocolmo, 7 de dezembro de 1994.

Recebido em 15 de agosto de 2017
Aprovado em 10 de outubro de 2017